

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO – RETROSPECTIVA
MOCKUMENTARY / VIAGEM AO FIM DO MUDO
8 de maio de 2026

HÄXAN / 1922

("A Feitiçaria Através dos Tempos")

Um filme de Benjamin Christensen

Realização e Argumento: Benjamin Christensen / **Direcção de Fotografia:** Johan Ankerstjerne / **Direcção Artística:** Richard Louw / **Montagem:** Edla Hansen / **Interpretação:** Maren Pedersen (feiticeira), Clara Pontoppidan (uma freira), Tora Teje (a mulher do segmento contemporâneo), Benjamin Christensen (diabo; médico), Oscar Stribolt (monge gordo), John Andersen (inquisidor-mor), Karen Winther (Anna), Poul Reumert (joalheiro), Elith Pio (monge jovem), Kate Fabian (criada velha), Else Vermehren (uma freira), Astrid Holm (Anna), Johannes Andersen (juiz), Gerda Madsen (uma freira), Emmy Schonfeld (Marie), Frederick Christensen (cidadão), Ella La Cour (mágica), Alice O'Fredericks (uma freira), Albrecht Schmidt (neurologista), etc.

Produção: Aljosha Film – Svensk Filmindustri AB / **Cópia:** em 35mm, preto e branco (com tintagens), mudo com intertítulos em sueco, traduzidos eletronicamente em português, 106 minutos, a 20 fps / **Estreia Mundial:** Estocolmo, a 18 de Setembro de 1922 / Inédito comercialmente em Portugal.

Acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

Häxan é o mais célebre filme do dinamarquês Benjamin Christensen, alvo de um culto que, como a feitiçaria, se manteve vivo "através dos tempos". Sinal desse culto é, por exemplo, uma "edição especial" de **Häxan** estreada em finais dos anos 60, sonorizada com narração "off" escrita e dita por William S. Burroughs, e "score" musical a cargo de uma banda de jazz (e pensando nisso, **Häxan**, pela natureza delirante e sulfúrica das suas imagens, e pela ideia de "colagem" que preside à sua organização, prestava-se com certeza bastante bem à função de "dínamo" para "happenings"...). Mas se **Häxan** se manteve vivo, o mesmo não aconteceu à restante obra de Christensen, hoje de muito mais irregular visão embora haja entusiasmadíssimas referências a vários dos seus filmes.

Christensen (nascido em 1879, em Viborg, e morto 80 anos mais tarde, em Copenhaga) passou por alguns dos principais centros da produção cinematográfica mundial nos anos 20. Começou na sua Dinamarca natal, depois de trocar uma carreira promissora de cantor lírico (impossibilitada por um patológico "stage fright" que o fazia perder a voz sempre que tinha que actuar perante uma audiência) pela mais discreta função de realizador de filmes. Passou depois a Estocolmo, onde realizou **Häxan**. Seguiu daí para Berlim, onde dirigiu dois filmes, e de Berlim para Hollywood, onde assinou um punhado de filmes que valeria a pena descobrir, como **The Devil's Circus** (1926, com Norma Shearer), **Mockery** (1927, com Lon Chaney) ou **Seven Footprints to Satan** (1929, com Creighton Hale e Thelma Todd, este exibido na Cinemateca há não muito tempo), por tudo o que de bom rezam as crónicas. Terminaria

nesse último ano, 1929, a aventura hollywoodiana de Christensen, que sem grandes perspectivas de sucesso decidiu voltar à Dinamarca, passando dez anos em retiro temporário antes de, entre finais de anos 30 e princípios de 40, realizar mais uma mão cheia de obras no seu país natal. Daí até à sua morte, em 1959, concentrou-se na gestão da sala de cinema que possuía e explorava em Copenhaga.

Mas voltemos a **Häxan**. Uma das coisas mais desarmantes do filme de Christensen é o seu "pretexto", ou por outra, a maneira como esse pretexto é apresentado. Estaríamos, conforme é anunciado no princípio e, de resto, praticamente em toda a primeira bobina, num território "didático" e "informativo" (quase "documental", dir-se-ia), em jeito de dissertação sobre a história da feitiçaria e da superstição ao longo dos tempos. Como se fosse uma projecção de "slides", e as explicações orais (ou escritas, neste caso) alternassem com a ilustração por imagens, o primeiro quarto de hora mergulha em tradições ancestrais, mostrando figuras arquetípicas (mormente, o Diabo himself) e o modo como diferentes culturas as descreveram. Só depois passamos à reconstituição "viva" dessas histórias de superstição, num esquema narrativo que, se começa por isolar exemplarmente (em arrumação cronológica, exacta ou suposta) os episódios que descreve, às vezes como num filme de "tableaux", não tarda muito em começar a misturar tudo, a gizar paralelismos e a tecer alusões, transformando decisivamente o filme naquilo que ele, de facto, é: um poderosíssimo, alucinado e alucinante, desfile de um imaginário da feitiçaria e do satanismo, alimentado em igual dose por mitos cristãos e mitos pagãos, ecoando ao mesmo tempo as manifestações culturais e artísticas desse imaginário (a pintura, naturalmente, com Bosch a ser a referência mais evidente em diversos momentos).

Tudo se encerra em nota ambíguíssima, com o segmento contemporâneo que vem estabelecer uma oposição (ou será uma continuidade?) entre o que antigamente acabava em auto da fé e agora (agora, em 1922) se resolvia em termas e sanatórios – é a história da "mulher histórica", interpretada por Tora Teje (que conhecemos dos filmes de Sjöström) e, no papel do médico, pelo próprio Christensen (que, "honni soit...", mas é mesmo para ser, também fez de "Diabo" em segmentos anteriores). A nota é ambígua, como dissemos, e por várias razões; mas dessas razões, a menos importante não será a que elucida a questão do "desejo" (feminino, essencialmente) e do "enquadramento cultural" (passe o palavrão) da sua vivência "através dos tempos". As histórias de bruxas contadas por Christensen são, sempre ou quase sempre, histórias de desejo, mais deturpadas ou mais simplificadas, que fazem do Diabo, do "Mal", dos seus vários sucedâneos e avatares (como os faunos) a sua primeira inspiração, tanto quanto a sua derradeira explicação. Chega-se ao fim de **Häxan** e fica-se a pensar que o verdadeiro tema de Christensen, e a sua verdadeira função didáctica, tem a ver com o medo (ancestral e "transcultural") do desejo feminino. Algumas das mais belas imagens de **Häxan** (a mulher despertada e "arrancada" ao leito do marido pela influência dos demónios), têm sobretudo que ver com isso, assim como se passa nalgumas das mais desconcertantes (as freiras em eufórica festa, por exemplo).

Evidentemente, chegámos até aqui e não referimos nem um décimo do que haveria a referir sobre **Häxan**. Serve a consolação de que, mesmo tendo referido tudo, seria sempre insuficiente para dar conta do caleidoscópio demoníaco que é este filme. Vejamo-lo, então.

Luís Miguel Oliveira